



## AMOR E DEVASTAÇÃO (SOFRÊNCIAS)

*Por Marcus André Vieira*

Para citar use a seguinte referência:

Vieira, M. A. Amor e devastação (sofrências). Jornadas EBP Bahia 2022. Disponível em < <https://ebpbahia.com.br/jornadas/2022/amor-e-devastacao-sofrencias1/> >

### **Resumo**

Se há um termo no ensino de Lacan que ensina sobre esta conjunção entre amor e desastre é o de devastação [ravage]. É do que quero tratar. A certeza de que se ama vem junto com a da angústia de amar. Dito de outro modo, não há amor sem sofrência. Como se vê, até o sertanejo universitário sabe que o mito da cara metade, do true love, é um ideal e que a realidade do amor é bem outra.

O analista, por ter seu ofício pautado pelo amor de transferência, talvez tenha algo a dizer sobre o amor. No entanto, só o apreende “de dentro”, sempre de algum lugar específico em que é posto pelo analisante na transferência. Dessa forma, jamais tem dele uma visão panorâmica, de observador, que, sabemos é sempre uma posição de pretensão domínio, do mestre.

Então, melhor descartar de saída qualquer pretensão de entender ou explicar esse fenômeno apaixonante que é o do amor.<sup>1</sup> Aliás, o amor é assim mesmo, precariza qualquer mestre, já que ninguém tem dele um ponto de vista geral nem definição precisa a não ser, de tão distanciado, perdendo-se da experiência amorosa.

Melhor partir do mais simples: sabe-se, quando se ama, que se ama. Vale, aqui, o que diz Lacan sobre a certeza. Ela é alguma coisa “que se sabe, consigo”, mas que basta “prestar atenção para se perder dela”.<sup>2</sup>

A conjunção entre amor e uma certeza sem muita explicação desenha todo um universo vivo e apaixonante, mas, ao mesmo tempo parece trazer para essa experiência um espaço em que amor e angústia se encontram, afinal, ali, nunca se sabe bem onde

---

♦Texto publicado em “textos de orientação” da XXVI Jornada da EPB Bahia.  
(agradeço à Ana Beatriz Freyre pelo convite e a Maria Cristina Jeronimo pela revisão e notas).

Outra versão em português chamada “Amor e devastação (na avenida) publicada como: Vieira, M.A. Devastação e amor (na avenida). Arquivos da biblioteca 17, Escola Brasileira de Psicanálise: Seção Rio de Janeiro. Goiania: Kelps, 2022.

se pisa. Há sempre o risco de que, de repente tudo parece ruir e a gente se encontra sem pai, nem mãe nem vizinho, em terra arrasada, sem saber como seguir.

Se há um termo no ensino de Lacan que ensina sobre esta conjunção entre amor e desastre é o de devastação [*ravage*]. É do que quero tratar.

A certeza de que se ama vem junto com a da angústia de amar. Dito de outro modo, não há amor sem *sofrência*. Como se vê, até o sertanejo universitário sabe que o mito da cara metade, do *true love*, é um ideal e que a realidade do amor é bem outra.

Apesar do amor ser todo um mundo, há modos distintos de estar no amor. Muitos. Chamemos de *amor romântico* esse ideal de que dois possam “fazer Um”. Desde Aristófanes, n’*O Banquete*, ele ganha a forma épica de uma explicação para o fato de sermos tão malfeitos: é porque seríamos a metade de uma laranja original.

Do ponto de vista do analista, sempre lidando com o desencontro, esse modo de estar no amor parece delírio fadado ao fracasso. Nada indica que teria havido um Éden em que teríamos sido plenos a não ser nosso desejo de que assim fosse. Esse ideal, porém, vela justamente essa inexistência. Assim, desde Freud, assumimos que não há como recuperar o gozo perdido simplesmente porque este Éden nunca existiu. Essa parte de gozo perdida é irrecuperável, não porque comemos um dia a maçã, mas porque é exatamente a parte de nós mesmos perdida para nos tornarmos gente, seres da cultura que somos.

Toda a dor reside, então, afirma Lacan, em que no amor o que se visa é exatamente este além do que se é, além do ser – exatamente o que desaparece quando aparecemos no mundo.

Por isso, às vezes o amor é paixão. A paixão é uma “carreira sem limites” porque não se satisfaz, não se resolve com o que o objeto amado é, ou com o que ele teria para dar. Ela visa atingir, obter, dele, o que ele não tem, ou seja, o que (ao menos no campo do narcisismo) ele não é, nem tem como ser.<sup>3</sup>

Descartado o amor romântico, ficamos, então, com o *amor paixão*. Melhor assim, pois por visar o além-mundo é que o amor pode mudar o mundo. É pelo amor paixão que tanto Freud quanto Lacan abordaram o amor. Chamaram-no *desejo*.

O desejo, no sentido freudiano, é o que visa o além da imagem, Outra coisa.<sup>4</sup> O ponto de vista do desejo destaca ainda como esse além do ser, obscuro objeto, se distribui em dois polos, masculino e feminino. O desejo vive da busca de uma impossível recuperação do gozo apoiado pela crença em uma complementariedade entre os gêneros que não há. Dito de outra forma, é tributário a inexistência da relação sexual, mas em seu próprio movimento nos leva a pensar que isso é possível. Ao mesmo tempo, a impossibilidade da relação o pereniza.

Tudo estaria bem se a gente não gozasse. A ideia de que algum dia, se buscarmos com vontade, seremos felizes por encontrar nossa alma gêmea se sustenta firme enquanto a parte perdida de nós mesmos teimar em fugir, inalcançável. Se só houvesse a busca de uma satisfação impossível, estaríamos para sempre amarrados aos caminhos identitários, sexuados, em que essa busca se estrutura para cada um segundo sua estrutura fantasmática. Acontece, porém, que, de vez em quando, goza-se. É o que torna o real da falta relativo. Por um instante o impossível acontece.

Nesse ponto do gozo, da *falta da falta*, chegamos perto da dissolução de si, seres de desejo que somos. Esse é o ponto em que Lacan localiza a angústia. Ela não é a falta, mas o que ocorre quando a falta vem a faltar.

Esse será o ponto por onde a devastação entra na cena do amor. Retomo rapidamente algumas das balizas sobre o tema do gozo, quando falta a falta, em sua contraposição ao desejo, quando a falta nos move, para chegar à devastação.

Não é apenas na diferença entre seres, masculino ou feminino, montada em torno da falta e da castração que Lacan vai situar e explorar o universo do amor e da angústia. Ao contrário, especialmente a partir de seu *Seminário 20*, vai calcá-la na diferença entre gozos.

No plano do gozo, prazer, angústia e abismo podem se entrelaçar sem limitação. Se o gozo é a vida que nos toma sem a falta para dar-lhe limitação, ele deveria ser o oposto ao que Lacan denomina gozo fálico, o do prazer, porque este último é uma perda de gozo. O prazer não ocorre sem aquele recuo, aquele ceder que leva a uma vida mais ou menos em paz. Sim, porque o prazer é sempre um recuo diante do abismo. É quando temos aquele sentimento momentâneo de que chegamos lá, chamado por Lacan de gozo sexual ou gozo fálico, cujo exemplo mais preciso é o que chamamos de orgasmo. O prazer sobrevém, quando desistimos, quando trocamos o infinito do gozo pelo gostinho dele na boca.

O Outro gozo é aquele “perder-se de si” que pode se insinuar na busca desencontrada do amor, como um empuxo sem direção ou porto e que nos abre a um angustiante infinito sem lugar. É quando se fica “fora de si”, “sem rima ou razão” para retomar o dizer de Jacques-Alain Miller.<sup>5</sup>

Foi com o lado dos que são sexuados pelo “não” (sem acesso direto ao gozo fálico), com as mulheres de sua época, que Freud reconheceu os paradoxos desse gozo, que dizemos feminino ou opaco ou ainda gozo do Um. Naqueles cuja estruturação hegemônica é a do “não ter” abre-se o sentimento de que a sofrência do amor não é porque não existe o gozo do casal, como um todo, mas porque o além desse gozo lhe *ex-siste*, como gozo *nãotodo*.

Situam-se aqui fenômenos amorosos que vão de par com a angústia, mas sem a limitação que ela ainda guarda apesar de *a mínima*, a de um “si mesmo”. É o amor como paixão louca do fora de si, de uma carreira sem limites. Vejam o micropoema de Hilda Hilst:

Quem és? Perguntei ao desejo.

Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.

Leio como um tocante retrato de uma devastação, terra arrasada. Acontece, porém, que *devastação* ganhou em nossa comunidade *status* de conceito. É um substantivo e não apenas uma função adjetiva. Não se resume ao fenômeno, não é apenas a experiência de terra arrasada no amor. Aliás, a terra arrasada nunca é completamente devastada. Esse “lava, pó, nada” da devastação não poderia ser para nós o fim do mundo, desterro absoluto, deserto do real, simplesmente porque não há nada no real em si, nem devastação, nem mesmo deserto. Ninguém vive no real.

Assumimos, então, que a devastação é índice de uma posição, um modo de estar com relação ao gozo do corpo. Dito de outro modo, a devastação é “não sem” Outro. Mas qual o Outro da devastação?

Lembro as duas passagens de Lacan sobre a devastação. Ele situa em uma passagem o parceiro masculino como o Outro da devastação e a mãe, em outra. Para uma mulher, alguém não arrimado pelo gozo fálico, o homem poderia levar à devastação por se recusar a ser Outro, já que só capaz de pensar em objetos e fetiches. Já a mãe, por sustentar uma impossível matriz identificatória, rivalitária que fosse, seria o parceiro-devastação da filha por estar, ela também, às voltas com o *nãotodo*.<sup>6</sup>

O que há em comum entre as duas situações que não seja apenas o fato da condição feminina no teatro dos sexos, mas de uma posição a partir dela?

Proponho endossar a tese de Marie-Hélène Brousse: a devastação é efeito de uma posição que consiste em esperar de algum objeto mais “substância” que do Outro e de seus nomes.<sup>7</sup> Não é esperar do Pai essa substância, como pensava Freud, mas de um objeto, que em nada se aproxima do fetiche, como no caso do gozo fálico. Não é um objeto fálico, como a beleza de um corpo ou seus dotes. É um objeto que encarna uma abertura a um além do gozo (fálico) e que, por isto, passa a valer mais que o Outro. É o que ocorre no exemplo que ela dá de sua analisante, para quem dormir sem o marido ao lado na cama era lançar-se em um vazio melancólico. Bastava o corpo a seu lado, nada mais, mas ao mesmo tempo esse corpo, mais que o Outro, é seu Outro. Sem esse corpo à noite é o corpo dela que fica sem forma.

Que parceiro deveria ser o analista para separar em parte o analisante desse objeto total? Desse Outro da devastação? Creio que a desestruturação é tão radical que essa pergunta só pode começar a ser respondida se abordamos a alteridade em questão não tanto como a de um objeto, mas como a do *sinthoma*. O analista, aqui, é objeto, tomado na transferência como objeto da fantasia do analisante, de acordo. Melhor, porém, também tomá-lo como parceiro-*sinthoma*, ou seja, igualmente fazendo-se destinatário do gozo que não cabe na fantasia.

Como aquela analisante que, depois de tudo perder com a perda de seu marido, que a trocara por outra mais jovem, após toda uma vida juntos, perde-se na devastação. Só a abandona quando consegue deixar relativamente de lado aquele objeto absoluto, o marido, por permitir-se registrar uma sensação corporal inusitada. Um simples banho de cachoeira passou a condensar um modo de erotismo “tátil” da pele como um todo, sem a passagem pelo olhar, que era condição para seu gozo fálico, e que a fixava ao olhar do marido perdido, assim como o olhar das outras mulheres, para quem só podia se sentir a velha encarquilhada e um dejetos.

Suponho que esse novo erotismo “de pele” esteja mais no plano do gozo do *sinthoma* que da fantasia, plano que só se verificará como tal no fim da análise, mas que se apresenta aqui em um horizonte estabilizador com relação à devastação.

Então, um último paradoxo: O *sinthoma*, absolutamente sem chão, é que dará um chão? Como uma conclusão em aberto, proponho uma imagem desse paradoxo em sua relação com a devastação. “A mulher do fim do mundo”, canção feita para Elza Soares.

É preciso escutar a canção, se deixar levar por ela porque a letra diz apenas uma pequena parte do que a voz imensa de Elza Soares entoa. Escuta-se a intensidade absoluta de toda uma história trágica que é um pouco a do nosso povo negro, mas

contida, ou melhor, encaminhada para a própria experiência de cantar como esse gozo que faz chão. E o nome do chão, aqui, não é a casa, as ruas da cidade (tão perigosas), mas a *avenida*. É o lugar que a mulher do fim do mundo tudo deixou, tudo, mas ao mesmo tempo é o lugar em que ela ficará até o fim dos tempos. Devastada ela? Sim e não? Ali, entre avenida e o gozo de cantar na avenida, encontrou uma maneira de estabelecer-se e afirmar-se sem precisar mais contar com sua história e identidade, muito mais com um fazer. O de cantar e cantar e cantar...

Na avenida deixei lá/ A pele preta e a minha voz/ Na avenida deixei lá/ A minha fala, a minha opinião/ A minha casa, a minha solidão/ Joguei do alto do terceiro andar/ Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida/ Na avenida dura até o fim/ Mulher do fim do mundo/ Eu sou eu vou até o fim cantar/ Mulher do fim do mundo/ Eu sou eu vou até o fim cantar [...].

---

<sup>1</sup> Para “O amor é apaixonante” cf. Lacan, J., *O seminário livro 21*, inédito, lição de 12 de março de 1974, *apud* Vieira, M.A., “Sobre o amor e a pulsão”. In: *Os destinos da pulsão*, Rio de Janeiro: EBP-Rio; Contra Capa, 1997, p. 130.

<sup>2</sup> Lacan, J., *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 567.

<sup>3</sup> Como afirma Lacan: “[...] amar é amar um ser para além do que ele parece ser.” Lacan, J., *O seminário livro 1*, Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 315.

<sup>4</sup> É pelo desejo que Freud trata o amor, não como um estado ideal da alma (*Liebe*), mas como fascinação, captura, movimento (*Verliebtheit*) (cf. Vieira, M.A., *op. cit.*).

<sup>5</sup> Miller, J.-A., “L’orientation lacanienne, L’Un tout seul”, lição de 6 de abril de 2011 (inédito).

<sup>6</sup> Lacan empregou o termo *devastação* em dois momentos de seu ensino para se referir 1) à relação da filha com sua mãe em “O aturdido”: “Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração, ao ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação.”, *Outros escritos*, p. 465); 2) à relação de uma mulher com um homem, em seu seminário sobre o *sinthoma* – “[...] este que é para ela uma aflição pior que um sintoma, a saber, uma devastação”, Lacan, J., *O Seminário livro 23 (1975-1976)*, Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 98.

<sup>7</sup> Cf. Brousse, M.-H., *Mulheres e discursos*, Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 15.